

## DO ETERNO NO HOMEM

Azizi Manuel Tempesta<sup>1</sup>

SCHELER, M. *Do eterno no homem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

Max Scheler foi um filósofo alemão, nascido em Munique em 1874. Seu pai era luterano e sua mãe judia, sendo que ele se converteria ao catolicismo durante sua adolescência. Scheler estudou medicina, filosofia e sociologia, concluindo seu doutorado em 1897. Em 1902, conheceu o fundador da fenomenologia, Edmund Husserl. Faleceu em maio de 1928, em Frankfurt (FRINGS, 1997).

Seu livro *Do eterno no homem* é uma composição de vários trabalhos do autor, mais especificamente cinco: *Remorso e renascimento*; *Sobre a essência da filosofia e a condição moral do conhecimento filosófico*; *Problemas da religião – Sobre a renovação religiosa*; *A ideia cristã do amor e o mundo atual – Uma conferência*; e *Da reconstrução cultural da Europa – Uma conferência*.

No texto *Remorso e renascimento*, Scheler discorre sobre a relação entre o sentimento de remorso e suas origens, bem como sobre a possibilidade de renascimento propiciada por este. Em um primeiro momento, ele faz uma crítica à postura de alguns teóricos que analisam o remorso de forma superficial, de modo que terminam por interpretá-lo equivocadamente; assim, o remorso seria por si mesmo desnecessário, representando um medo de alguma punição, ou o estado posterior a algum ato praticado do qual o indivíduo se arrepende, ou ainda uma autoilusão. Para Scheler (2015, p. 42-43), tudo isso é equivocado, sendo o remorso “uma forma de autocicatrização da alma [...] o único caminho para reconquistar as forças

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela FAE Centro Universitário.  
E-mail: azizimanuel@gmail.com

perdidas [...]”. O autor ainda afirma que “o arrependimento é a força mais potente de regeneração do mundo ético, uma força que trabalha contra seu constante falecimento” (SCHELER, 2015, p. 66). Esta seria uma característica paradoxal do arrependimento, pois é ele que faz com que vejamos com tristeza aquilo que já foi feito e que não se pode mais modificar, ao mesmo tempo que nos impele para o futuro, onde agora agiremos de um modo diferente, não errando. Portanto, pode-se entender que é pelo remorso que se pode renascer, pois se não sentíssemos remorsos, não mudaríamos, visto que ele possibilita esse caminho de mudança.

Ao falar *Sobre a essência da filosofia e a condição moral do conhecimento filosófico*, Scheler aborda o tema da essência da filosofia, um problema complexo em si mesmo, pois, ao contrário das outras ciências, a filosofia não poderia recorrer a termos de outras ciências, ou da própria filosofia, para se delimitar, sendo a filosofia, para o autor, um conhecimento desprovido de pressupostos. O autor aborda, em seguida, os temas da autonomia da filosofia, da postura espiritual filosófica (a ideia do filósofo), da análise do desenvolvimento moral e do objeto da filosofia e a postura filosófica do conhecimento. Scheler desenvolve a ideia de que podemos, de certo modo, procurar pela verdadeira filosofia ao olharmos para aqueles que concordamos serem verdadeiros filósofos, pois de suas posturas poderemos ter vislumbres da essência filosófica, uma vez que ao afirmarmos que alguém é um verdadeiro filósofo, há algo além da pessoa, que diz respeito à própria filosofia e sua essência, que permite que se faça tal afirmação (que então pode ser captada).

No grande texto intitulado *Problemas da religião – Sobre a renovação religiosa*, Scheler faz uma reflexão no pós-guerra da Primeira Guerra Mundial, com todas as suas abominações e desastres, e critica os movimentos positivista e panteísta, que surgiram em épocas passadas e fizeram com que a humanidade ficasse focada em si mesma e em seu progresso, culpando-os pelo advento da guerra e suas consequências. Ao mesmo tempo, Scheler coloca a mesma guerra como o momento da derrocada desses movimentos, pois a “crença positivista na humanidade entrou em colapso” (SCHELER, 2015, p. 139, grifo nosso); e ainda “como forma da consciência religiosa, o panteísmo, em todas as suas formas, também é – abstraído-se de seus erros – tão desprovido de futuro quanto a crença positivista na humanidade [...]” (SCHELER, 2015, p. 149), pois a guerra seria a consequência de uma humanidade fechada em si mesma. Essa derrocada de tais movimentos é então a oportunidade para uma renovação religiosa, onde o ser humano volte seu olhar novamente para Deus. A partir disso, Scheler começa

a ir nessa direção ao refletir sobre a relação entre religião e filosofia, criticando as posturas de quem considera que religião e filosofia não se tocam, pois para ele tais visões são equivocadas. Ao longo do texto ele vai explorando estas questões para fundamentar suas ideias acerca da renovação religiosa.

Em *A ideia cristã do amor e o mundo atual – Uma conferência*, Scheler nos apresenta mais uma reflexão sobre a guerra e suas torpezas. No início, apresenta o argumento de alguns de que isso mostra que a Europa Cristã está falida, que o ensino da moral cristã falhou. Porém, para ele, as ideias, sejam elas cristãs ou não, “nunca podem ser rejeitadas apenas pelo fato de que os homens não as conseguem realizar [...]” (SCHELER, 2015, p. 493), ou seja, para ele esse argumento é falho. Embora o mundo esteja longe do ideal do amor cristão, isso não significa a falência deste, mas sim denota uma necessidade de o homem se esforçar para buscá-lo mais profundamente. Scheler continua o seu trabalho para mostrar como o *ethos* do amor cristão e das comunidades foi sendo substituído por outro, que ele chama de **ethos do espírito essencialmente burguês e capitalista**, e aponta como causas o humanitarismo que desloca o mandamento do amor, o individualismo unilateral, a absolutização do Estado, o nacionalismo político e cultural, o afastamento dos critérios e medidas cristãs das comunidades, a divisão de classes e a acumulação de capital. Ao analisar esses temas, o autor encaminha a ideia de que o momento passou a ser propício para uma renovação e recuperação do fôlego religioso, pois a guerra mostrou que nem tudo está tão bem assim.

Por fim, ao falar *Da reconstrução cultural da Europa – Uma conferência*, Scheler se questiona sobre como será possível a reconstrução ético-cultural de uma Europa estremecida em suas bases. Já no início o autor afirma que se restringirá apenas a questões espirituais e culturais, e que isso é o que determinará se a Europa passará a ser um nome, ou se continuará a ser um guia das nações (SCHELER, 2015, p. 555). Para essa reconstrução, Scheler aponta que as nações deverão conservar suas bases na Antiguidade e no Cristianismo, os dois princípios fundantes da Europa. Para isso, ele defende uma união para a reconstrução e que esta tenha também como foco a educação da juventude, para que volte o olhar ao homem como homem, e para que tenha amizade, entrega e amor pelo mundo e os que nele habitam.

Neste livro, portanto, se percebe não apenas uma crítica da guerra e de suas consequências, mas sim um debate sobre um assunto que há milhares de anos vem

intrigando os seres humanos, que é a sua relação com o eterno e a transcendência – algo que a Primeira Guerra Mundial parece ter trazido à tona de forma mais intensa. Ainda que Scheler se refira muito à realidade alemã em *Do eterno no homem*, as considerações e conclusões a que ele chega nos mostram uma compreensão profunda da religiosidade como uma característica intrínseca do ser humano. Assim, o autor revela uma compreensão filosófica da religião, que se mostra interessante a todos que buscam compreender melhor o fenômeno religioso.

## REFERÊNCIAS

FRINGS, M. S. *Max Scheler: biographical data*. 2002. Disponível em: <<http://www.maxscheler.com/scheler1.html#1-BioData>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

